Lá vem mudança...

Primeiro, chegaram as malas com meias, calções, camisas e bonés. Depois, uma poltrona nova, um pequeno armário e uma viola. Por fim, o Bernardo passou a dormir e a acordar todos os dias na nossa casa. Tudo foi acontecendo pouco a pouco e, quando dei por mim, ele e a minha mãe estavam «casados». Na verdade, fiquei meio dececionada com aquela forma tão sem graça de juntar as escovas de dentes. Afinal, a minha mãe nunca se casou no papel, com aliança no dedo e festa, por isso imaginei que faria alguma comemoração mais especial. Como nada acontecia, decidi aproveitar um jantar num restaurante japonês para fazer umas perguntinhas que me mordiam de curiosidade:

— Mãe, tu e o Bernardo ainda se vão casar?

— Não, querida.

— Vocês não vão trocar alianças nem assinar um papel?

— Também não, Pilar. Do jeito que está, já está bom. Não achas?

— Sei lá… Parece que falta alguma coisa…

Quando o jantar terminou, pedi ao empregado que tirasse umas fotos com todos os integrantes da nossa nova família: o meu gato *Samba*, eu, a minha mãe e o Bernardo, o companheiro, ou melhor, o parceiro, ou… aquilo que ainda não tinha nome!

— Mãe, tu e Bernardo agora são marido e mulher, companheiro e companheira ou parceiro e parceira? Eu não tenho a menor ideia de como vos devo chamar?! — exclamei.

A minha mãe e o Bernardo começaram a rir-se, e eu continuei sem resposta. Eu tinha a mania de nomear tudo, mesmo que não tivesse grande importância para eles. Voltámos para casa, o *Samba* aninhou-se na cesta dele e eu deitei-me na minha cama. Antes de dormir, resolvi olhar novamente para as fotos do jantar e tive a certeza: a minha mãe estava feliz, mesmo muito feliz.

No dia seguinte, a caminho da escola, mostrei as fotos ao Breno, que, de mau humor, logo resmungou:

— Bolas, Pilar, porque é que não me convidaste para a festa de casamento da tua mãe?

— Eu já te disse que não houve festa… Foi apenas um jantar em família. Bem que podia ter tido bolo e baile, não achas?

— Não sei. Fazer festa para quê, se depois toda a gente acaba por se separar?

— Ah, mesmo que um dia as pessoas se separem, acho que vale a pena comemorarmos os momentos felizes. Senão, fica tudo sem graça nenhuma!

— Isso significa que… um dia tu vais querer casar, Pilar?

— Ah, Breno, sei lá. Um dia, talvez… Quem sabe?

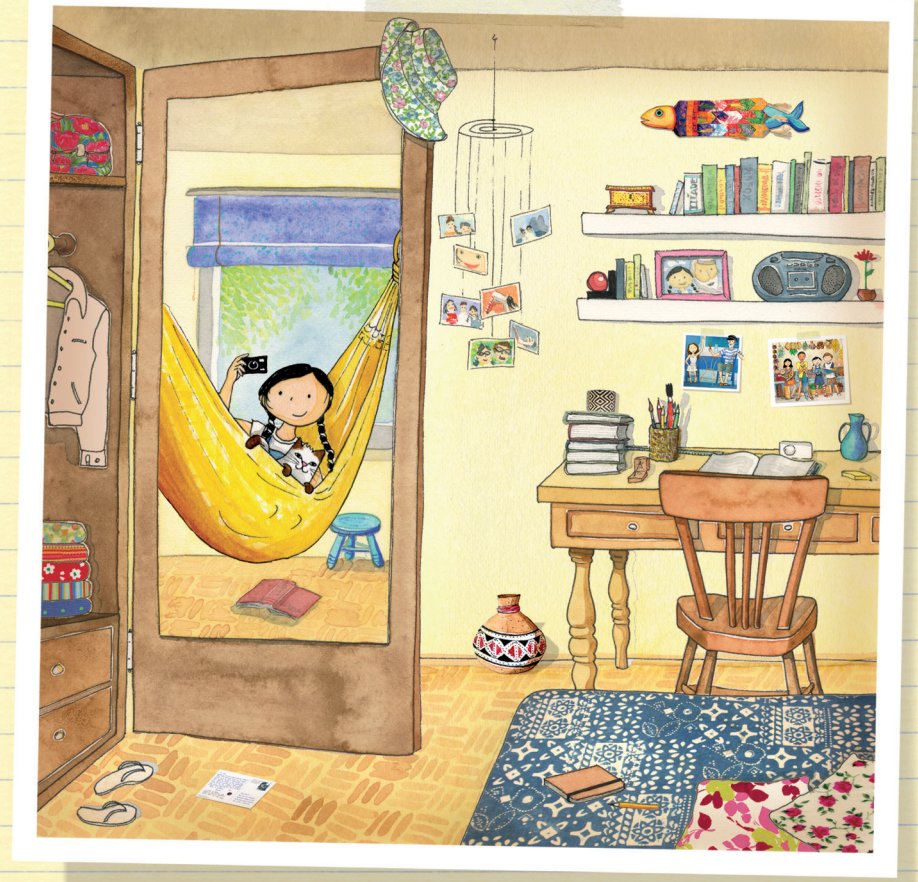
— Um dia? Mas um dia… quando?

— Ah, talvez depois de umas vinte viagens!

Parecia que o Breno ainda me queria perguntar mais qualquer coisa, só que eu saí disparada, porque estávamos atrasados e o portão da escola já ia fechar.



A MINHA FAMÍLIA AGORA É ASSIM:
BERNARDO, A MINHA MÃE, EU E SAMBA!



A MINHA REDE MÁGICA: ELA EXISTE, SIM!!!
FOI O MEU AVÔ QUEM MA DEU!

Entre múmias e faraós

Mal entrei na sala de aulas, notei o maior sururu. Para variar, a Susana olhava-me de lado. Tentei não ligar e continuei a caminhar por entre as mesas até ao meu lugar favorito: perto da janela. O zunzum foi crescendo e, de repente, a turma inteira começou a gritar muito alto:

— Mentirosa! Mentirosa!

Olhei para o Breno à procura de apoio, mas o meu amigo parecia tão tonto e perdido quanto eu. Com o nariz mais empinado do que nunca, a Susana aproximou-se e perguntou-lhe:

— Breno, é verdade que a Pilar tem uma rede mágica?

— Bem… Na verdade… não!

Olhei para o Breno sem entender nada. Porque é que ele estava a dizer aquilo à Susana? E como é que ela teria descoberto o poder mágico da minha rede? Abri o caderno e enfiei a cabeça lá dentro, decidida a ignorar tudo aquilo. O Breno, porém, achou que devia dar mais alguma explicação à turma:

— Vocês estão malucos! Redes mágicas não existem!

— Quer dizer que a Pilar inventou essa história? — insistiu a Susana.

— Acho que sim! — confirmou o Breno.

— Eu sabia que ela era a maior mentirosa do universo! — exclamou a Susana, olhando para mim e depois para a turma.

Surreal! Como é que o Breno podia ser tão cobarde?! Porque é que ele estava a fazer-me passar por mentirosa logo com a *parapetelunga* da Susana?!

Sem conseguir conter a raiva, saí a correr porta fora, pulei o portão da escola e fugi para casa.

A minha mãe e o Bernardo não estavam. Encontrei a Geralda, que arrumava a casa e me veio consolar. Quis saber o que tinha acontecido, mas a minha garganta estava a arder, com tudo entalado lá dentro, e não consegui dizer nada. Só depois de me trancar no quarto e de pular com o *Samba* para a minha rede dourada consegui desabafar. Contei tudo ao meu gato, que soltou um rugido furioso que mais parecia saído da boca de um leão.

— Isso mesmo, *Samba*. O Breno é o maior amigo da onça! Porque é que disse que a minha rede não existe? Sabes que mais? Ele não vai mais viajar connosco. Está decidido!

O meu gato miou, concordando, e comecei a dar um bom impulso na rede, já a preparar-me para a próxima viagem, quando o Breno entrou no meu quarto, sem sequer pedir licença, a falar sem parar:

— Pilar, saíste a correr e…

— Sai já do meu quarto!

— Espera! Aonde vais?

— Aonde a rede me levar…

— Vou contigo!

— Não vais mesmo! Tu não disseste à turma inteira que eu NÃO tenho rede mágica? Então fica aí… sem viajar!

— Espera, eu posso explicar…

Tentei dar um impulso ainda mais forte para que a rede girasse muito depressa, impedindo o Breno de embarcar, mas ele foi mais ágil e, de repente, já estava lá dentro a girar comigo. Pouco depois, não sabíamos mais onde era o teto, onde era o chão, se era dia ou noite. Assim que a rede finalmente parou de balançar, senti um calor insuportável! Coloquei a cabeça de fora, procurando uma janela, que não achei. O lugar estava muito escuro e não dava para ver nada em volta.

— Onde está a tua lanterna, Pilar?

— Não fales mais comigo, Breno! Porque deixaste a turma inteira chamar-me mentirosa se conheces a minha rede mágica melhor do que ninguém?

— Eu estava a tentar proteger o teu segredo, Pilar. Não foi por mal…

— Então mentiste para me proteger?

— Exatamente. Já pensaste que, se eu confirmasse a história, a Susana iria querer viajar na tua rede?

— Aposto que ela arranjaria uma forma de estragar tudo…

— Com certeza! Assim como estragou o teu diário!

— O meu diário?!

— Mal saíste da escola, descobri como é que a Susana ficou a saber da rede mágica: ela encontrou o teu diário, Pilar!

— O meu diário secreto?! Como? Será que ela leu tudo?

— Deve ter lido uma boa parte…

— Que coscuvilheira! Bolas! Preciso de descobrir uma forma em código para que ninguém possa ler os meus segredos… Temos de resgatar o meu diário, Breno. Ajudas-me?

— Ajudo.

— Prometes?

Foi nesse instante que o Breno cruzou e beijou os dedos, como o meu avô sempre fazia, dizendo:

— Beijado, jurado e prometido…

E assim rapidamente voltei a confiar nele. Por algum motivo, eu não conseguia ficar chateada com o Breno por muito tempo. Além disso, havia coisas mais importantes a acontecer naquele instante, como o grito que começámos a ouvir, vindo de algum lugar ali perto:

— Socorro! Ajudem-me! Tirem-me daqui…

O *Samba* miou e eu puxei uma lanterna do meu superbolso. Ao iluminar tudo em volta, descobrimos paredes com pinturas belíssimas. No teto, um imenso céu; nas colunas, desenhos que pareciam contar alguma história; no chão, muitos objetos espalhados: um baú de madeira, vasos de cerâmica, uma cadeira, um barco, estátuas de pedra e…

— Um sarcófago! — exclamámos eu o Breno, ao mesmo tempo.

— Que estranho! Será que estamos nalgum museu, Pilar?

— Isso aqui não parece nenhum museu, Breno. E há alguém vivo ali dentro!

Imediatamente caminhámos até à caixa de madeira e, com toda a força, erguemos a tampa. Lá dentro, uma múmia debatia-se, desesperada:

— Socorro! Estou com falta de ar! Tirem-me daqui!

Mais do que depressa, o Breno e eu desenrolámos a múmia, ainda sem entender o que estava a acontecer.



